

Liquidbook

OS 10

VIA AMAR  
DE MATOS

JAN  
TES

A PARÁBOLA



**OS 10**

**VIA**

**JAN**

**TES**

**A PARÁBOLA**

© Amaury de Mattos 2018

Editor: Rafael Heidt Martins Trombetta

Revisão: Augusta Ketzer

Capa: Humberto Nunes

Editoração: Cristiano Marques

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(CIP) de acordo com ISBD

---

M444d Mattos, Amaury de

Os dez viajantes: a parábola / Amaury de Mattos

1. ed. | Porto Alegre, RS | Liquidbook, 2018.

144p. | 10,5 cm x 15,5 cm

ISBN 978-85-61797-32-4

1. Literatura. 2. Filosofia. 3. Espiritualidade. I. Título.

2018-1573 | CDD: 158.1 | CDU: 159.947

---

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritualidade 158.1
2. Espiritualidade 159.947

**OS 10**

**VIA** AMAURY  
DE MATTOS

**JAN**

**TES**

**A PARÁBOLA**



Livraria

*Para Ingrid e Jürgen de Lübeck  
que conheci em 1976*

“Talvez certas palavras  
de Jesus sejam como  
pães que podemos dar  
exclusivamente, como as  
crianças, às pessoas mais  
desenvolvidas; outras são,  
de alguma forma, migalhas  
que vêm do palácio e  
da mesa dos grandes,  
migalhas que certas almas  
virão, como cães,  
levantar do chão.”

Comentário de  
Orígenes ao capítulo XV do  
Evangelho Segundo São Mateus

**P**or um momento o disco solar pareceu despregar-se do horizonte. Logo sua forma adquiriu perfeição e a luz retalhou de dourado o mar. Laura partiu o silêncio:

– O que pretende um contador de histórias, vovô?

Hermes refletiu um instante. Ele conhecia a resposta desde menino, quando ouvia as histórias contadas por sua mãe nos dias de tempestade, não raras vezes, à luz de velas:

– Fazer o que sempre foi feito através dos tempos: usar as palavras para os ouvintes não sentirem medo da escuridão.





**H**ermes sonhava com uma manada de cavalos galopando em sua direção em uma praia deserta. Com habilidade e firmeza segurou as crinas do animal líder, parando-o imediatamente. A rápida ação fez com que todos os outros interrompessem o galope.

Acordou de imediato e precisou de alguns segundos para se dar conta que voltara a sua cidade natal um dia antes. O seu velho apartamento estava às escuras e procurou orientar-se nas sombras porque em nenhum dos cômodos havia lâmpadas. Deveria ter colocado algumas antes de mudar-se, pensou.

Depois de abrir as janelas, preparou um café enquanto observava as fracas luzes da manhã nascente. Lembrou do sonho e de que sua neta chegaria em breve.

Voltar aquele apartamento significava reavivar lembranças. A ausência das lâmpadas marcava um tributo ao passado, quando sua mulher perdeu a visão. O professor retirou-as para buscar um mundo semelhante ao da mulher que amava. Alguns o consideraram tolo, porém seus filhos respeitaram a decisão e ninguém comentava a respeito. Assim, cada noite estreitava uma cegueira cúmplice.

Ao final do dia, iria com a neta vender o chalé da família. A velha casa com vista para o mar está fechada desde que sua mulher falecera sete meses depois de perder a visão. Ninguém mais queria voltar lá.

O professor mudou de cidade, havia voltado para ministrar algumas palestras

sobre mitologia. Teria alguns dias para fechar o negócio com a casa e aproveitaria para queimar as últimas recordações. Desfazer-se daquele imóvel era erradicar agônicas lembranças e aproveitar uma vida melhor na qual a artrite não pesasse tanto. A doença quase o impossibilitava de dirigir e, naquela manhã, viajaria com Laura, uma de suas netas, até a praia.

Acendeu algumas velas para movimentar-se pelo apartamento. Ao esbarrar em um pequeno baú encoberto com um tapete, abriu-o e vislumbrou as folhas amarradas com uma fita verde e manuscritas com letras de calígrafa. Ali jazia empoeirada uma curiosa e esquecida história escrita pela esposa.

Por que não lembrava disso? Quando ela, que só escrevia poemas, mostrou-lhe a história, ficou surpreso. O texto possuía uma instigante narrativa em que os pequenos capítulos se encaixavam com premeditada consequência. Havia mais que uma lição de moral no texto. Sen-

tiu-se desconfortável pelo estilo singelo e simbólico que tratava de algo que gerações de filósofos e professores de filosofia, como ele, sempre discutiram: o Ser, o amor, o próprio significado da vida.

Provavelmente, o mesmo desconforto que sentia agora transpareceu no rosto de Hermes e o assunto não foi longe. Ainda conversaram, ele lembra. As palavras, no entanto, estavam perdidas. Não havia dúvidas de que fora inflexível, rígido. Durante muito tempo aquele texto, em nada contemporâneo, o perseguiu; mas pouco voltaram a tocar na história. Delicadamente, para não ferir mais as convicções filosóficas dele, a mulher escondeu os manuscritos e nunca mais falou sobre eles.

Hermes, doutor em filosofia, compreendeu, então, o que havia deixado para trás.

Laura chegou e logo atingiram a monotonia da autoestrada, deixando

para trás, permeada com as sombras azuladas da manhã, a cidade que lembrava o dorso de um enorme réptil espremido contra o cinto da planície. Percorreram um bom trecho antes de parar para abastecer, esticar as pernas e comer alguma coisa. Ao voltarem, Laura percebeu a pasta e sua curiosidade fez o professor falar.

Esquecendo o conteúdo de procurações, certidões e recibos da casa, contou sobre a estranha história que a avó da jovem escrevera.

– Ela escreveu uma parábola. Uma parábola, Laura.

Tentou explicar o lapso de tempo entre aquela data e o presente, enquanto falava sobre o conteúdo da história. Na medida em que esclarecia, dava-se conta do peso daquele segredo, do qual não era mais dono. E confidenciou à neta de que descobriu-se ali, naquele instante, culpado.

Era um sentimento súbito e, no entanto, tão abrangente que sentia seu começo no instante da primeira leitura, muito tempo atrás. Ele estava na Parábola. Todos estavam, de uma forma ou de outra.

Durante muitos anos carregou o silêncio esquecido de seu receio acadêmico. Negou uma pequenina história, singela, para não ver a si mesmo como egoísta e mesquinho. Agora... ninguém lera a história dos dez viajantes, pessoa alguma sabia dela.

– O texto ficou escondido esse tempo todo. Até hoje.

Laura percebeu a importância da própria presença quando o avô fez a revelação. Enterneceu-se com a confissão e a tristeza do velho homem. Tudo isso aumentou o repentino desejo de ler a história da avó, uma mulher de irradiante calma e alegria conjugadas. Talvez por isso todos a amavam, pensou. Então

seu avô, alterando o tom da voz, disse à Laura que os manuscritos agora lhe pertenciam. A jovem apreciou a oferta que pressentiu tocada pelo conflito de velados dramas pessoais.

Viajavam em silêncio por um bom tempo quando o professor comentou que sua mulher escrevera a história em torno de uma semana, sem que ninguém soubesse no que estava trabalhando. Ele encontrou os manuscritos em uma prateleira da biblioteca meses depois e a curiosidade foi mais forte. Hermes estava terminando a leitura quando a esposa entrou e perguntou-lhe o que estava achando. Ao professor pareceu uma longa parábola, palavra que a mulher aprovou, mas ele estava perplexo com as propostas que o texto apresentava. Sua educação acadêmica buscara avaliar, medir, conceituar. Para tranquilizá-lo, ela disse que escrevera para os netos, para quando eles estivessem crescidos.



– Vovô, por que disse que a história me pertence?

Olhando fixamente a estrada à frente Hermes respondeu à pergunta que estava esperando ouvir:

– A alma de minha geração estava cega.

Foi a última informação que Laura recebeu sobre a curiosa história da avó. Haviam chegado no acesso à praia e a paisagem mudara. A serra agora ficava para trás e ampliava-se um céu de nuvens amareladas no lado esquerdo da estrada. Com o canto dos olhos, Laura observou o avô ensimesmar-se. Sabia que retornar à casa seria doloroso para ele. Não poderia adivinhar, entretanto, que, para Hermes, a proximidade da tristeza era uma espécie de cicatriz que nunca se fechava.

À tarde, após a vistoria da casa, foi a vez dos negócios. O imóvel seria entregue dois dias depois. Isso daria tempo para

que retirassem alguns objetos que não faziam parte da transação. Naquela noite Laura deitou mais cedo que de costume. Hermes estava sem sono e ficou olhando o mar na velha cadeira de balanço da esposa, no mesmo lugar onde ela ficava em silêncio, sentindo a brisa e os sons, imaginando além da íntima escuridão. Se Laura pudesse ver o rosto do avô, saberia porque ele mantinha os olhos cerrados.

Na manhã Laura saiu para passear nas imediações levando o carro. O professor não quis acompanhá-la e dedicou alguma atenção para a preparação de sua palestra, cujo teor abordava aspectos mitológicos em cotejo com a moderna ausência de sentido. Parecia fácil pois havia dado a mesma palestra em outras instituições, contudo não tinha concentração para burilar o texto; sua mente fugia o tempo todo para os manuscritos, então lembrou-se do sonho com os cavalos e isso apaziguou-o como um preságio benéfico.

Quando foi guardar o material da palestra, observou que os manuscritos haviam sumido da pasta. Foi até o quarto de Laura e os encontrou sobre a cama. Ela havia lido e nada dissera. Por um momento seu rosto iluminou-se. Hermes colocou as folhas na pasta, saindo pelos fundos da casa, descalço.

Cruzou o jardim descuidado. Do alpendre frontal até as cercas de palha havia um habitat quase natural. O conjunto de pedras parecia ter nascido ali mesmo, assim como as plantas folhudas e as gramíneas. As cercas laterais, submersas na vegetação, estabilizando substratos, demarcavam o terreno e impediam a erosão. Alguns detritos nunca foram retirados e o gosto dos passantes adequava-se às necessidades dos deslocamentos, marcando trilhas sinuosas e assimétricas. Havia, pelo menos, mais de uma maneira de chegar ao portão inferior.

Sem as mãos jardineiras da mulher, as cidrilas formaram um tapete. Nas pequeninas flores branco-rosadas persistia o outono. O homem pisou em alguns pedúnculos emergentes como periscópios e alcançou a praia, onde um mar sereno repetia suas ondas.

Logo encontrou areia firme e afastou-se da casa. Continuou até a distância reduzir as últimas habitações em um conjunto sem expressão na paisagem. Só parou de andar quando as cores no céu trocavam a participação acinzentada do entardecer pelo desmaiar de suas nuances e das linhas que o princípio da noite trazia, no Leste. Não olhava, entretanto, para a diluição do Sol no horizonte. Sua atenção fixava-se à frente. Alguma coisa aproximava-se com velocidade. Pontos informes moviam-se, crescentes. Quando a faixa das dunas somou-se aos pontos, em uma larga curva, estes haviam se transformado em manchas que chegavam na estrada paralela à praia.

O último brilho vermelho do Sol desapareceu na serra quando a noite estava entre o sumir daquela luz e o momentâneo pairar de uma outra luz fugente. O desenho da paisagem escasseava com rapidez, os contornos apagavam-se para indefinir as formas. Então, na noite de transição veloz, Hermes percebeu tardiamente a manada, o som coletivo e surdo das cavalgadas.

O animal à frente do inusitado plantel passa ao seu lado, um baio de olhos assustados, movendo a cabeça fina. Mais três, imediatamente, surgem da insólita noite. O homem recua. Súbito, o corpo avermelhado de um alazão pisando as águas faz passagem inesperada num ruído de choque e fervura. Depois outro, laranja desbotado até nas crinas esfacela espumas e areia molhada, mostrando os dentes para um baio-amarillo que acompanha de perto o homem gira e tenta escapar, uma tordilha, espáduas, toca seu ombro ao virar-se para não ser

atropelado, mas cai. A pasta abre-se, folhas voam, um vento gelado musica o silêncio e as páginas fugitivas rolam no repentino frio da noite.



# O HOMEM, A CIDADE



**A** clara manhã levantava-se com o sol.  
O homem saiu do bosque e dirigiu-se para a distante estrada.

Trazia um cântaro sobre a cabeça e um cesto na mão direita.

O semblante era sereno e não demonstrava pressa.

Sentou-se em uma pedra na beira do caminho sob a única árvore que existia nas imediações e esperou.

A estrada atravessava uma cidade chamada Ilusão; uma cidade como todas as outras, exatamente como pode ser imaginada. Seus maiores prédios são uma hospedaria, um hospital, um templo religioso e um palácio real.

**0**

**GENERAL**

**O** palácio dominava uma bela vista da cidade. Em um austero gabinete, o rei promovia um dos seus generais.

– De agora em diante – disse-lhe o rei. Eu te designo comandante geral dos exércitos da cidade Celeste. Age com prudência e disciplina e um dia, quem sabe, poderás tornar-te meu primeiro ministro.

– Sim, meu rei – falou o general. Acato vossas ordens e para a Cidade Celeste irei. Se Vossa Majestade me permitir, posso partir neste momento. Estou pronto.

– Como quiseres – disse o rei.

O General fez uma mesura e afastou-se em direção à saída do palácio.

Seus fortes passos ecoavam nas paredes.

Ele logo afastou um pensamento de que o rei o nomeou para uma cidade distante por temê-lo como um possível concorrente.

**O**

**DOENTE**

**N**ão longe dali estendia-se o branco prédio hospitalar da cidade com seus corredores claros e uma saleta, onde conversavam um médico e seu paciente.

– Sinto muito! – dizia o médico. Aqui, neste hospital, nada mais podemos fazer por você. Nossos recursos terapêuticos esgotaram-se e não possuímos mais condições de lhe auxiliar.

– Já estive em muitas cidades procurando auxílio – murmurou o doente. Esta parecia dispor de recursos para curar minha angústia.

– Estudamos durante muito tempo o seu caso – falou o médico, circunspecto. E, apesar de descobirmos as causas, não pudemos encontrar um meio para acabar com a sua dor. Mas nem tudo está perdido. Ouviu falar da Cidade Celeste?

– Sim – respondeu o doente, desanimado. Ouvi dizer que é uma cidade muito desenvolvida, mas é só o que sei.

– Certamente não faltarão especialistas – disse o médico tentando animar o paciente. Um paliativo certamente será encontrado.

– Então – concordou o doente com ar cansado. É para a Cidade Celeste que vou.

E pensou que o médico não era tão eficiente quanto acreditara no início do tratamento.

**O SOL  
ESCAPAVA  
NO HORIZONTE**